

HISTÓRIA ORAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Ramofly Bicalho dos Santos¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO: O artigo analisa a metodologia da história oral sob o ponto de vista teórico e prático, articulando limites e possibilidades. Constatamos nesse texto que não devemos ter pressa de ir ao campo sem que os entrevistados estejam seguros de si e da relação que será estabelecida entre ele e o entrevistador, e essa relação é política, cultural, religiosa e social. Este texto mostra os avanços e recuos desta metodologia e resgata a memória, a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, criando e recriando fontes. Nesse sentido, novas histórias serão constantemente geradas e o pesquisador/educador deve, com muita responsabilidade, respeitar a cultura, as histórias de vida, os sonhos e as utopias dos educandos e demais sujeitos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Metodologia; Memória.

Introdução

Pretendemos, na produção desse texto, mostrar os limites e possibilidades, os avanços e recuos, no que toca a produção teórica acerca da metodologia da história oral, ao resgatar a memória, a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, criando e recriando fontes. Nesse sentido, novas histórias serão constantemente geradas. O pesquisador/educador, imerso num ambiente de tamanha responsabilidade, deve respeitar a cultura, as histórias de vida, os sonhos e as utopias dos educandos e demais sujeitos da pesquisa.

1. Metodologia da história oral

A pesquisa em história oral exige, tanto do entrevistador, quanto do entrevistado, um dedicado e valioso tempo de atuação. Neste processo, se faz necessário um algo a mais, envolvimento prazeroso com o tema e metodologia adotados. As reflexões em torno da atuação dos sujeitos devem ser uma preocupação constante do educador. Percebemos, então,

¹ Doutor em Educação pela Universidade de Campinas – UNICAMP, especialista em Educação de Jovens e Adultos – EJA e Ensino de História. Ex-professor da UNIABEU, nos cursos de História, Pedagogia e Serviço Social e da UNIG – Pedagogia, é atualmente Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

através de projetos e pesquisas, que a história oral pode perfeitamente dialogar com mapas, fotografias, documentos e demais fontes de consulta. Atenção redobrada deve ser dada ao registro fotográfico, pois a escolha de determinados focos da realidade não é neutra. Nesse sentido, a fotografia pode empobrecer os aspectos que não foram percebidos, ignorando a amplitude da realidade presente, contribuindo para enaltecer apenas o registro de algumas cenas. Diante dessas questões, é possível que a metodologia da história oral envolva a variedade de segmentos num dado contexto histórico, reconstruindo os fragmentos do passado, entendendo os problemas do presente e propondo encaminhamentos futuros.

Trabalhar com imagens é um enorme desafio e, por isso, é necessário que o pesquisador esteja atento ao local onde foi registrada a fotografia, o momento histórico, quem a fez, os usos sociais que as imagens podem ter sofrido, além da narração, do reviver de emoções e sonhos que carregam os sujeitos dessa construção histórica. Depois de colhidas as imagens do passado, cabe ao pesquisador desenvolver formas conscientes e precisas de trabalho, que dê o retorno necessário aos grupos pesquisados e estabeleça relações de prioridade. O professor Milton (Unicamp/Educação), em uma de suas aulas, fez a seguinte afirmação: “para que a imagem se torne inesquecível, precisa não ser vista. O pôr do sol não é inesquecível, pois todos os dias são vistos”. É o autor que dá sentido à imagem, somos nós que enfatizamos o que a fotografia e o desenho querem passar. Quando se aperfeiçoam os saberes, ampliam-se os gostos.

Dessa forma, na metodologia da história oral o pesquisador pode criar e recriar fontes. Olhar o passado não pode ser um exercício de nostalgia, lembranças simples e saudades. As sociedades, em sua organização política, econômica, social e cultural, pensa o passado de diversas formas e o narra de distintas maneiras. Nesse sentido, como afirma Portelli, é impossível reviver o passado sem resgatá-lo e colocá-lo no coração. Sabemos que o campo da história oral não é um espaço único de interpretação teórico-metodológica. As várias disciplinas podem contribuir para o aprofundamento dessa discussão, enfatizando coincidências e conflitos. Essa proposta de estudo pode contribuir para rever a construção da realidade dos sujeitos, permitindo que o pesquisador aprofunde, por exemplo, a entrevista com o narrador e a possibilidade de diálogo entre a teoria e o exercício da prática.

Na construção do depoimento oral é importante definir questões relevantes para a pesquisa, selecionando informantes ricos de conhecimentos sobre o assunto. Neste processo, o diálogo consciente entre entrevistador e entrevistado deve acontecer com muita responsabilidade. Nessa ocasião o entrevistado exerce muita influência sobre o tema, por isso, é inadequado estabelecer roteiro único de entrevista. Os relatos não são feitos no vácuo. No

depoimento oral, o pesquisador também exerce grande influência, pois, cabe a ele propor questões para o bom relacionamento pessoal, de conteúdo, saberes e histórias de vida.

Nesses testemunhos, novas histórias são geradas e o entrevistado percebe o seu valor. O respeito e valorização do conhecimento prático e das experiências vividas deve ser foco de análise. Sujeitos antes excluídos e marginalizados do saber oficial são incentivados a construir sua própria história, com autoestima e autonomia. Von Simson (2002, p. 142) afirma que: (...) “não trabalhamos com testemunhos únicos, mas sempre com múltiplos testemunhos orais, obtidos de uma rede de informantes que se estabelece durante a pesquisa”.

É nossa responsabilidade de educadores, perceber os vários pronunciamentos dos educandos e sujeitos da pesquisa. Quando se trabalha apenas com o documento escrito, este provavelmente não coloca o pesquisador 'contra a parede', entretanto, a 'voz viva' do entrevistado coloca questões, responde, argumenta e questiona. Nesse sentido, a história oral pode contribuir para 'dar voz' ao ator social que viveu determinada experiência social, cultural, política e religiosa, valorizando o passado oralmente narrado e as vivências individuais e coletivas. Assim, não devemos ter pressa de ir a campo sem que entrevistadores e entrevistados estejam seguros de si e da relação que será estabelecida, construindo espaços que permitam maior empatia entre esses sujeitos do saber crítico.

Constatamos que as escolhas do narrador são organizadas a partir do diálogo com o entrevistador e sempre no sentido de reunir fragmentos do passado que o leve a relembrar e recriar tradições a partir dos variados pressupostos. Percebe-se então, na troca de informações, que, frequentemente, os entrevistados estudam os entrevistadores, assim como estes os estudam.

Nessa relação, o pesquisador é a base, o que amarra todo o processo em cooperação com os demais sujeitos. Suas interpretações e análises não podem ser impostas autoritariamente ao pesquisado. Este deve ser um interlocutor válido e apropriar-se da relação dialógica estabelecida. Trazer questões relevantes e apropriadas para o debate e fortalecer o contato entre os sujeitos históricos deve ser uma das preocupações do entrevistador e do entrevistado. Dessa forma, Portelli (1997, p. 43) defende que: “jamais me sentei do outro lado de uma mesa para entrevistar alguém, exceto quando, na condição de professor, dou exame aos alunos, situação em que me sinto muito mal”.

É importante, neste envolvimento, que o pesquisador tenha a humildade necessária de não acreditar na sua suposta superioridade em relação ao entrevistado, fingindo algo que na verdade não é. Ser espontâneo e natural no momento da entrevista pode contribuir para o desenvolvimento da pesquisa, aproximando entrevistadores, entrevistados e construindo

relações de parceria e confiança. O diálogo horizontal é fundamental na construção dos significados e na reconstrução do passado histórico de ambos os sujeitos desse processo. Demartini (1988, p. 61) afirma: “O pesquisador que realiza as primeiras entrevistas é diferente daquele que já as analisou, que encontrou nelas novas indagações. Há um enriquecimento constante neste caminhar”.

Através do contato ético e responsável com o entrevistado, o pesquisador vai aperfeiçoando as inúmeras possibilidades de coletas de dados. O seu papel é respeitar o narrador no que ele tem de mais importante. Quando é feita uma entrevista, na verdade estamos invadindo a privacidade do outro. A parceria e a confiança mútua entre entrevistados e o entrevistador pode contribuir para ambientes mais agradáveis, aumentando a qualidade do depoimento. Assim, fornecer aos entrevistados, por exemplo, a transcrição do texto após as entrevistas e pedir-lhes que façam as devidas e necessárias correções é sempre uma atitude louvável.

Outro aspecto importante na metodologia da história oral são as entrelinhas. Para Portelli (1997, p. 34), “(...) a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os fizeram esconder mais que no que eles contaram”. Não é somente o primeiro contato que deve prevalecer nas entrevistas. Importante é olhar além da impressão inicial e estarmos atentos para as várias linguagens: do corpo, das representações musicais, do silêncio e da máscara facial. Na metodologia da história oral, olhamos uma parte do todo e este olhar tem um sentido primordial para a comunicação.

A subjetividade vem sendo bastante reverenciada na metodologia da história oral. Esta deve contribuir na construção de textos originais, na organização dos dados, na interpretação da realidade, sem privilegiar aquelas preposições que o pesquisador/educador já tem a priori. Nesse sentido, é sempre recomendável nos perguntarmos se o que a realidade apresenta é analisado a partir da perspectiva crítica. A subjetividade pode ser o ponto forte da pesquisa. Alguns informantes conseguem reconstruir o diálogo e são específicos em sua análise; outros falam apenas de modo geral e amplo. Entretanto, vários teóricos insistem na afirmação de que as fontes orais estão distantes dos acontecimentos, enfatizando a possibilidade de distorção da memória. Portelli (1997, p. 33) defende que:

(...) na verdade, este problema existe para muitos documentos escritos, comumente elaborados algum tempo após o evento ao qual se refere, e sempre por não-participantes. As fontes orais podiam compensar a distância cronológica com um envolvimento pessoal mais íntimo.

O pesquisador, quando se apresenta, já exerce grande influência sobre o pesquisado. Assim, a clareza no ato de falar e a linguagem utilizada podem facilitar a interpretação e o entendimento do qual faz parte o entrevistado. A maneira como aborda e enfrenta a entrevista vai influenciar o depoimento. A forma como o entrevistador foi recebido e aceito pelo entrevistado já aponta para algumas características:, como por exemplo a distribuição espacial e a posição em que entrevistado e entrevistador sentam no movimento da entrevista. Essas são características que precisam ser levadas em consideração.

O momento de coleta do depoimento é único para pesquisador e pesquisado. Para que a entrevista ocorra conforme o esperado, se faz necessário que o entrevistador domine o conhecimento e perceba a diferença de um encontro para o outro. Na análise de uma entrevista, a história de vida do interlocutor se faz presente, não cabendo ao pesquisador julgar o que é correto ou desnecessário. Cabe ao pesquisador analisar o contexto social, político, a classe social e as opções políticas. Interpretar os fatos pode ser o fio condutor da prática educativa. Percebe-se, então, que o pesquisador não pode obrigar o entrevistado a dar depoimentos, entretanto, pode construir estratégias de cooperação para que este, por livre e espontânea vontade, o faça.

Refletindo acerca de outro conceito, o de memória, entendemos este como inerente à capacidade humana, pois, lida com experiências, sociais e individuais, que podem ser (re)transmitidas para diversos sujeitos históricos. Para Thomson (1997, p. 57):

(...) a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.

A memória recebe diversas influências que compõem o meio social; no entanto, o ato de lembrar também é profundamente pessoal. Cada ser humano é um repositório único de memória. Não é possível uma pessoa sem memória; ela somente vai viver livremente quando conseguir ultrapassar as dificuldades do passado e quando o presente for importante no relacionamento com este passado. É possível perceber, por exemplo, que os problemas vividos já não têm tanta relevância para os idosos. As brigas familiares foram superadas e o enorme tempo de vida contribui para a aceitação dessa percepção. A memória, nesse sentido, pode contribuir para a superação das dificuldades. Bosi (1987, p. 09) afirma que:

(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.

Quanto mais oral uma sociedade, mais a memória é utilizada. A tendência da memória é valorizar os aspectos vitoriosos, esquecendo as derrotas. Assim, estaremos sempre fazendo escolhas individuais e coletivas, políticas e sociais. Não seremos neutros jamais. Quando trabalhamos na perspectiva de lidar com as diferenças, as memórias múltiplas são essenciais. Tomando como base as diversas culturas, escolhas estarão sendo feitas, entre o que deve ser esquecido ou lembrado na vida de cada sujeito. O trabalho com a memória, não sendo neutro, pode ser viabilizado na plena consciência do nosso papel de pesquisador. Kenski (1997: 108) afirma que:

(...) uma das principais (e mais bonitas) características da memória que está sendo recuperada é sua atemporalidade. A memória é ahistórica, na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim através da mistura de acontecimentos de diferentes momentos do passado.

A capacidade seletiva da memória dá ao indivíduo o poder de decidir o que pode ser memorizado ou esquecido e, nesse processo, o futuro também se projeta sobre o passado, dando luz, integrando-o à nossa vivência. Os conflitos do passado podem ser retrabalhados e são as atitudes do presente que contribuíram para um futuro mais humano. Quanto mais consciente for esse exercício, mais íntegra, coerente e includente será a nossa trajetória de vida. Para Gagnebin (1998, p. 218):

(...) a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro.

A memória não é uma acumulação de fatos; assim, memorização e esquecimento devem “andar de mãos dadas”, fazer parte de um mesmo processo. A memória se localiza no corpo e este é o seu principal lugar, espaço do presente. Milton (Unicamp/Educação) afirma que: “a memória é do presente, memória é de gente viva, o passado deixa vestígios embrulhados, restos, ruínas, pequenas marcas, esse passado existe no presente”.

Na memória individual temos a oportunidade de relebrar nossas experiências, pensar a influência dos espaços – escola, igreja, sindicato, movimentos sociais – que contribuíram para

a aprendizagem dos nossos papéis sociais. No diálogo com esta memória, conhecemos o caminho que cada ser humano traça, as diferentes escolhas feitas na vida. Na memória coletiva os grupos dominantes exercem grande influência, em especial nas vivências sociais dos indivíduos. Von Simson (2002, p. 56), ao pensar a relação entre memória coletiva e individual, afirma: “o que mais motiva o pesquisador é o fato de lidar com memórias individuais que focalizam sempre fenômenos sociais e são reconstruídas com os olhos do presente”.

Outro ponto muito importante na discussão encaminhada pela metodologia da história oral é a importância dada à transcrição suja. Nesta, o emocional deve fazer parte e os não-ditos da fala devem ser relatados, pois não são palavras frias, soltas e descontextualizadas. Uma constante preocupação é ouvir várias vezes as entrevistas, para compreender o que o narrador quer mostrar. Nesse sentido, a utilização frequente do diário de campo será uma ferramenta fundamental antes, durante e depois da execução das entrevistas. Portelli (1997, p. 22):

(...) no que me diz respeito, não revelaria quase nada de importante sobre minha vida a alguém que, ao conversar comigo, assumisse uma atitude neutra, impessoal e distante. Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha?

Diante de todas as questões postas no texto acima, verificamos que a história oficial, por exemplo, deixou de contar e registrar muita coisa: os grupos marginais com sua memória subterrânea precisam ser retomados, valorizando suas histórias, a micro-história, os aspectos desconhecidos e os significados da vivência sofrida. Nessa rica trajetória histórica, deve prevalecer a ética e a transparência, em prol de uma sociedade mais justa, humana e politicamente correta.

Considerações finais

Avaliamos, nesse contexto, que na metodologia da história oral, ninguém responde do mesmo jeito as questões vindas de interlocutores diferentes. O informante traz sempre aspectos novos, bem pensados; surgem surpresas agradáveis baseadas em imagens, no seu cotidiano e vivência. Assim, o depoente exerce uma importância central na organização do trabalho. Para Portelli (1997, p. 46):

(...) acredito que devemos nos esquecer do mito de obter as informações totalmente completas, ou de esgotarmos nosso assunto com os entrevistados. Sabemos que ninguém consegue obter todas as informações a nosso respeito, portanto, por que o faríamos com eles? Invariavelmente conseguiremos um fragmento daquilo que sabem, um fragmento daquilo que são.

Todos os seres humanos expressam sentimentos, crenças e emoções. Assim, no momento da entrevista, o entrevistado faz suas colocações e interpretações, mesmo que equivocadas, acreditando na veracidade dos fatos. O sentimento e a emoção, quando colhidos, são fundamentais na construção do conhecimento desses sujeitos. Os depoimentos e informações, por serem representações do passado, não ficam apenas na narração pura e simples. Envolve-se com os aspectos individuais e coletivos. Ao narrar, não pensamos somente no passado. Este se entrelaça com as questões do presente, na perspectiva de enfrentar os problemas que por ventura possam aparecer.

Concluo este texto, fazendo minhas as palavras de Von Simson (2000, p. 63): "(...) memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)" e de Portelli (1997, p. 31): "(...) fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos".

Referências bibliográficas:

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 9.

DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (Org.). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988, p. 61.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*, PUC-SP, n. 17, nov. 98, p. 218.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Prática Docente. *Seminários*, 1997, p. 108.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*, PUC-SP, n. 15, abr. 97, p. 22

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente*. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97, p. 31.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias*. In: *Revista do programa de estudos pós-graduados em História*, PUC-SP, n. 15, abr. 97, p. 57.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Folguedo carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural*. In: *Resgate*, n. 3, CMU; Papyrus, 2002.

----- . *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp*. In: *Arquivos, fontes e novas tecnologias. Unicamp*, Campinas, SP: 2000, p. 63.

----- ; GIGLIO, Zula Garcia. *A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida*. In: NERI, Anita Liberalesso. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas, SP: Papyrus. 2002.

Oral History: limits and possibilities

Ramofly Bicalho dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Abstract: This article analyzes Oral History from the theoretical and practical point of view, articulating limits and possibilities. We noticed in this text, for example, that we should not go to the field unless the respondents are sure of themselves and of the relationship that will be established between them and the interviewer, and this relationship is cultural, but also religious and social. In this text we will show the progresses and setbacks of this methodology, redeeming memory, the dialectical relationship between interviewer and interviewee, thus creating and recreating sources. New stories are constantly generated, and the researcher/educator must, with great responsibility, respect the culture, the stories of life, the dreams and utopias of learners and other subjects.

Key words: Oral History. Methodology. Memory.